ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondencia relativa a esta publicação deve ser dirigida com o endereço ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão —Rua Formosa, 43 —*LISBOA*

PRIMEIRO ANNO	*SEGUNDA FEIRA, 21 DE DEZEMBRO DE 1903*	*NUMERO 7*

A IMPOSIÇÃO DO TOSÃO D'OURO AO SR. CONSELHEIRO HINTZE RIBEIRO, POR S. M. CATHOLICA, A BORDO DO COURAÇADO «CARLOS V», DA MARINHA HESPANHOLA, EM 12 DE DEZEMBRO

CHRONICA

Natal

O Natal é a data que mais se impõe em todo o orbe; é elle, esse dia do nascimento do apostolo, o periodo breve em que como uma sentimentalidade nasce em todas as almas. Apaga-se talvez a poesia d'uma religião, d'um culto, em que ha ritual, bispos com vestes d'ouro e que tem uma historia por vezes terrivel, mas fica sempre n'um atavismo o culto do nascimento do revoltado que buscava ingenuamente amar ao passar os dedos nos cabellos da loura Magdalena, n'uma caricia em que havia ternura e piedade, emquanto nos olhos d'ella, n'esses olhos beijados pela cohorte rica e philistina da Gallilea, relampagueava talvez ainda o desejo, a ancia de se entregar ao pallido nazareno. E d'essa historia d'um amor platonico á sombra das oliveiras do horto, fez-se uma lenda, e do amor da cortezã fez-se um milagre e d'ella uma santa.

Mas esse rabbi, de olhos negros e de falas mansas, subindo ao calvario n'uma tarde do mez triste, fundando no seu estoicismo, sem saber e sem querer, uma religião, ficou para o mundo divinisado. Atravez dos tempos, os povos sentaram-se á meza no dia do nascimento do revoltado e esses povos, tambem sem querer e tambem sem saber, começaram a ligar-se entre si n'uma evolução lenta e que dura uma noite. Reunem-se as familias, reunem-se e formam a paz d'uma nação. Reunem-se por todo o mundo e na noite do nascimento de Christo, quando os gallos cantam e os sinos tocam, ha como o deleite da paz universal nos lares.

E' uma noute estranha de ternura e de calada, uma noute de entorpecimento em que mais se ama e mais se unem os homens. O Natal chega e as cidades fecham as portas, as casas aferrolham-se, tiram-se as melhores louças dos armarios e o melhor bragal das arcas, lá dentro dos lares vive o aconchego.

E nas ruas .. nas ruas ..

A's vezes, n'uma restea de luar que acaricia a lama, vêem-se perfis tão tristes, vêem-se dramas fugidios, vêem-se tragicos desesperos.

Mas ninguem para. Todos caminham em busca de conforto. Desgraçados d'aquelles que não teem familia, desgraçados d'esses, que são os unicos a destoar no concerto da paz que essa noute parece marcar.

*

Já andam bandadas de perus pelas ruas, sob a chuva e sobre a lama, já resoam os pregões dos maltezes nos eccos da cidade. O conselheiro, ali defronte, começa a receber presentes e o carteiro começa a pedir as brôas. E' o Natal que chega, é a solemnisação do nascimento do grande rabbi que viu a luz na Judea.

Agora, Herodes que é pretor e que é banqueiro, senta-se á meza, estende as pernas, ageita a tunica, olha os netos e esquece os negocios; esfrega as mãos e diante do peru louro, exclama:

—Vamos lá a isto!

E a par de Herodes, todos os outros, toda a turba ceia em homenagem a um Christo que foi bom e que um dia divinisaram.

Outros homens, menos bellos mas mais pallidos que o rabbi, pallidos de fome e de desespero, entram nas egrejas por essa meia noute symbolica e ficam-se n'um recanto.

Vão alem aquecer-se n'essas luzes e na atmosphera tepida. Nem ouvem o sacerdote, nem ouvem a missa da noute. Sonham e tremem, cerram os olhos e quasi teem um goso n'essa meia hora em que a religião se expande no interior do templo.

São os ultimos a sahir. Teem sempre como a esperança de se conservar além, n'esse conforto e n'essa luz; mas é forçoso sahir: veem então como expulsos a verem cerrar-se implacavel e segura a porta da egreja.

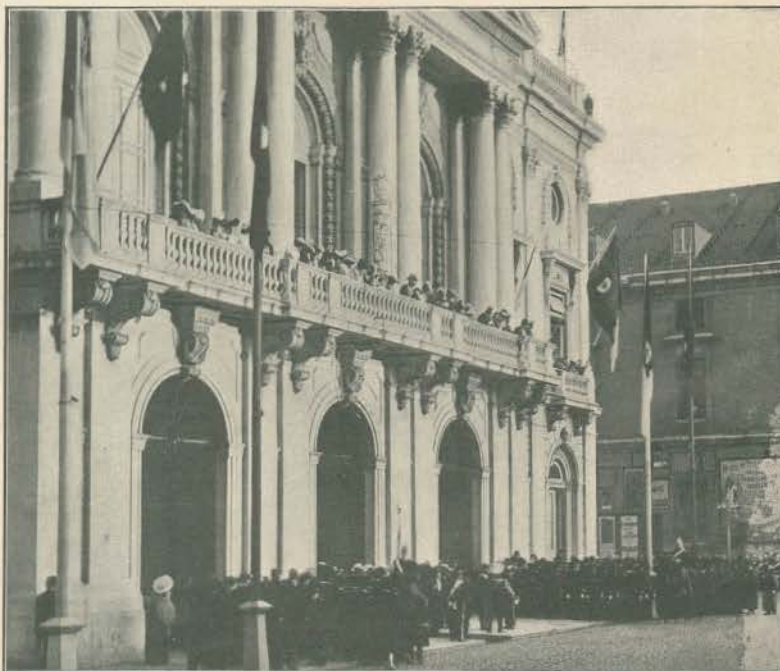
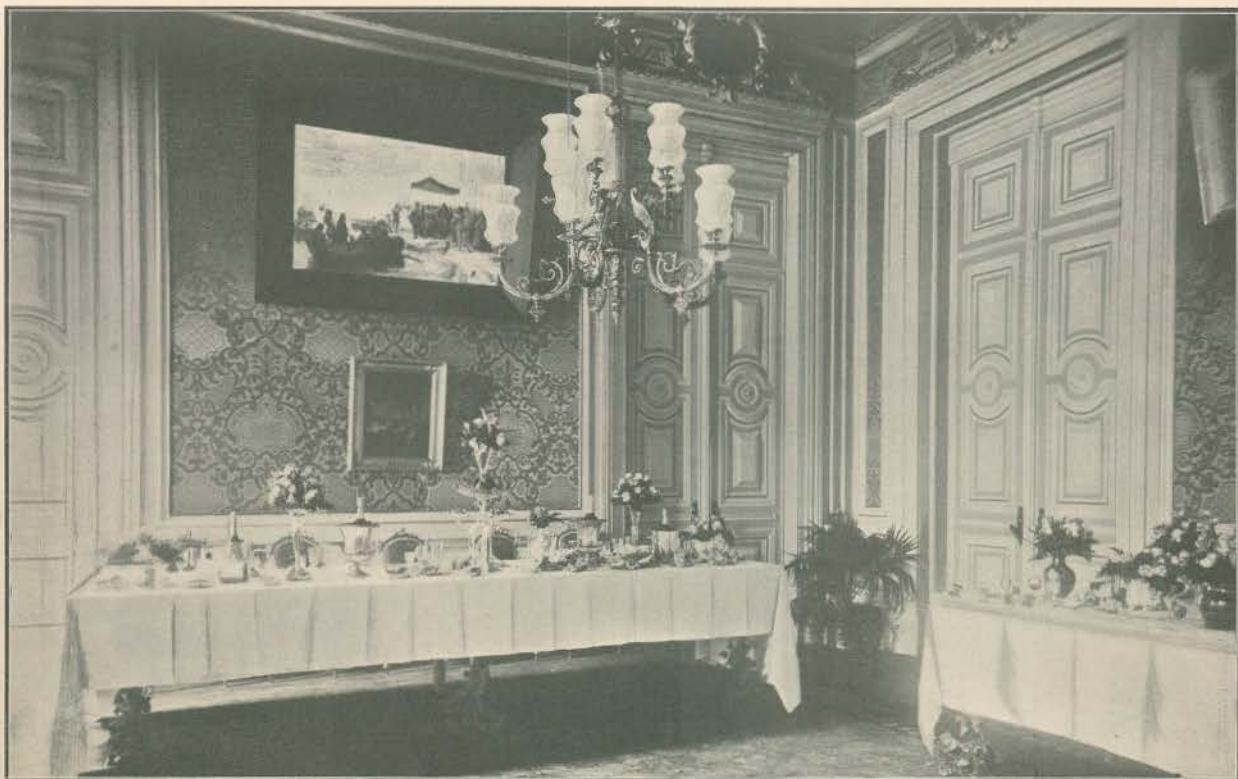
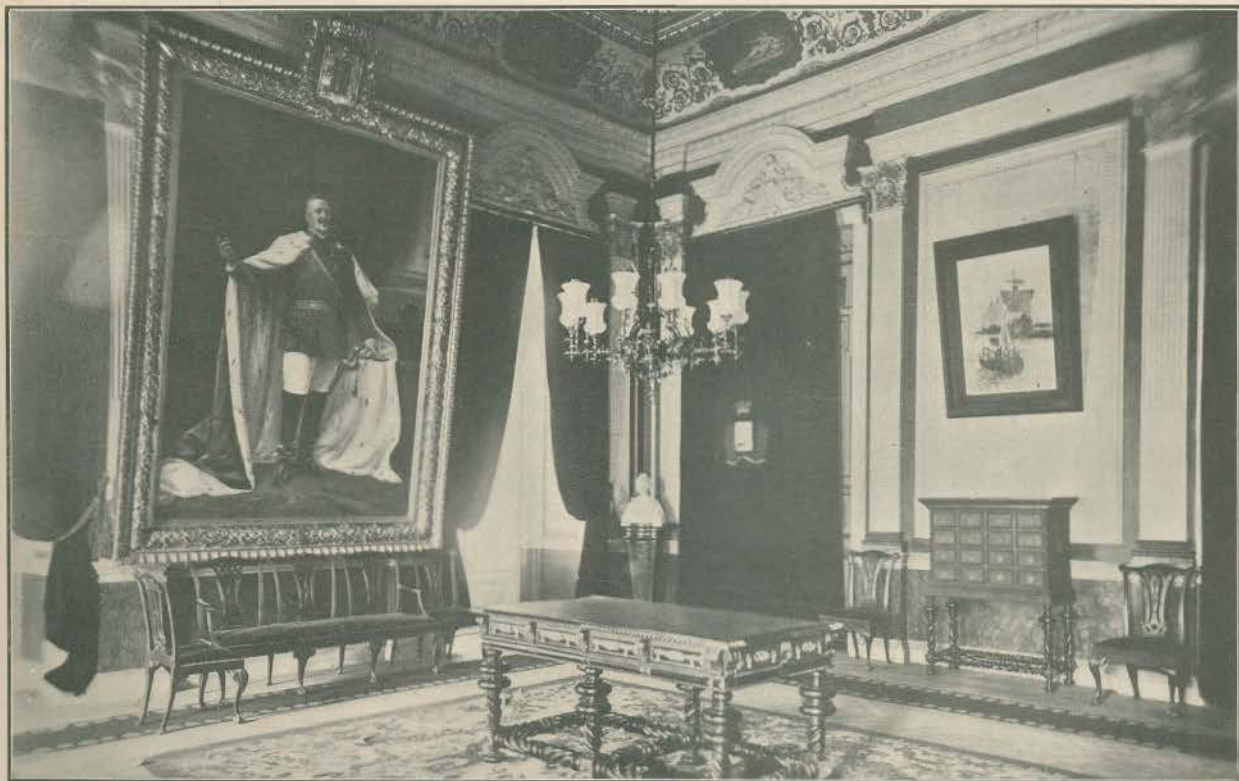
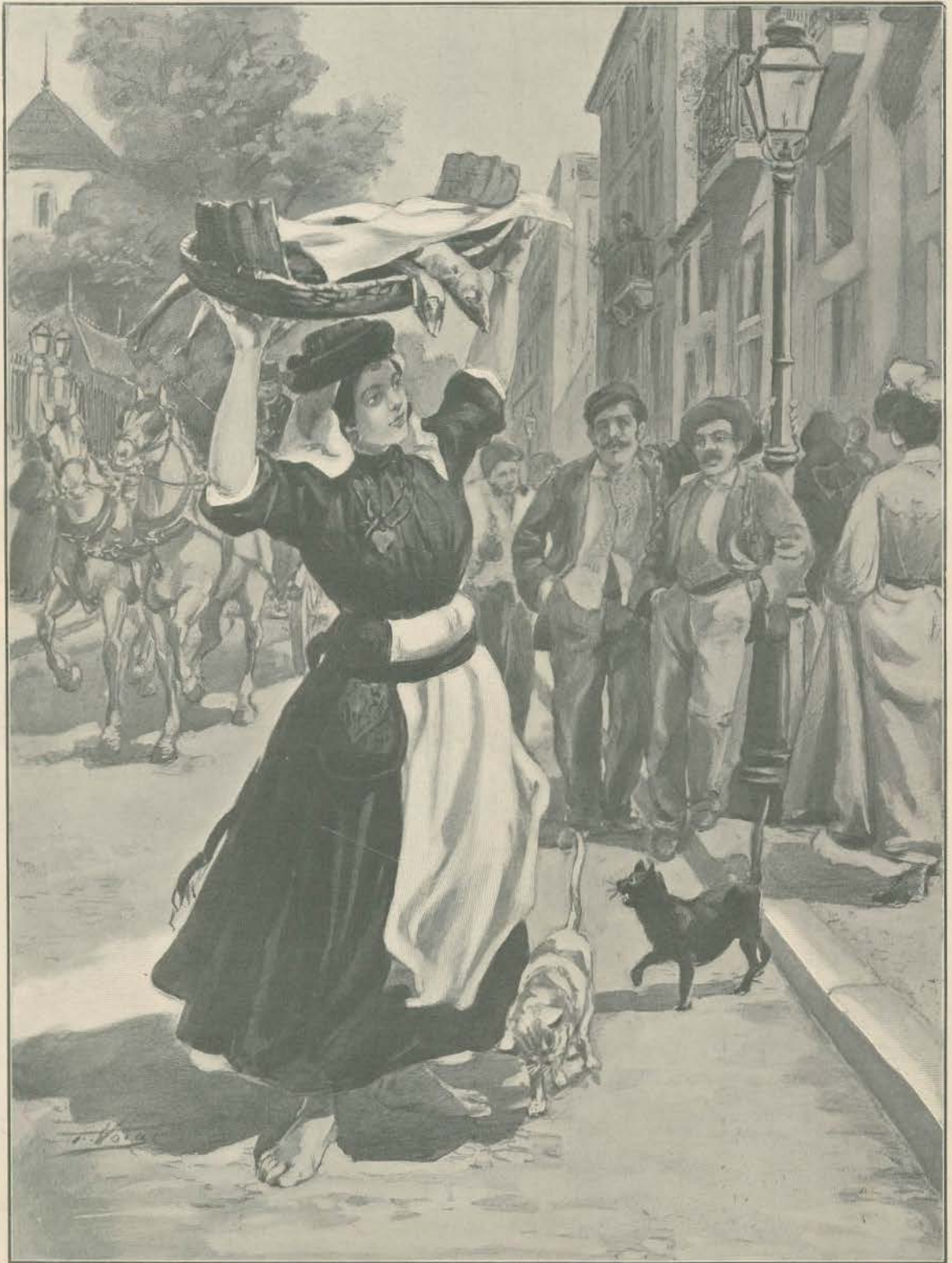
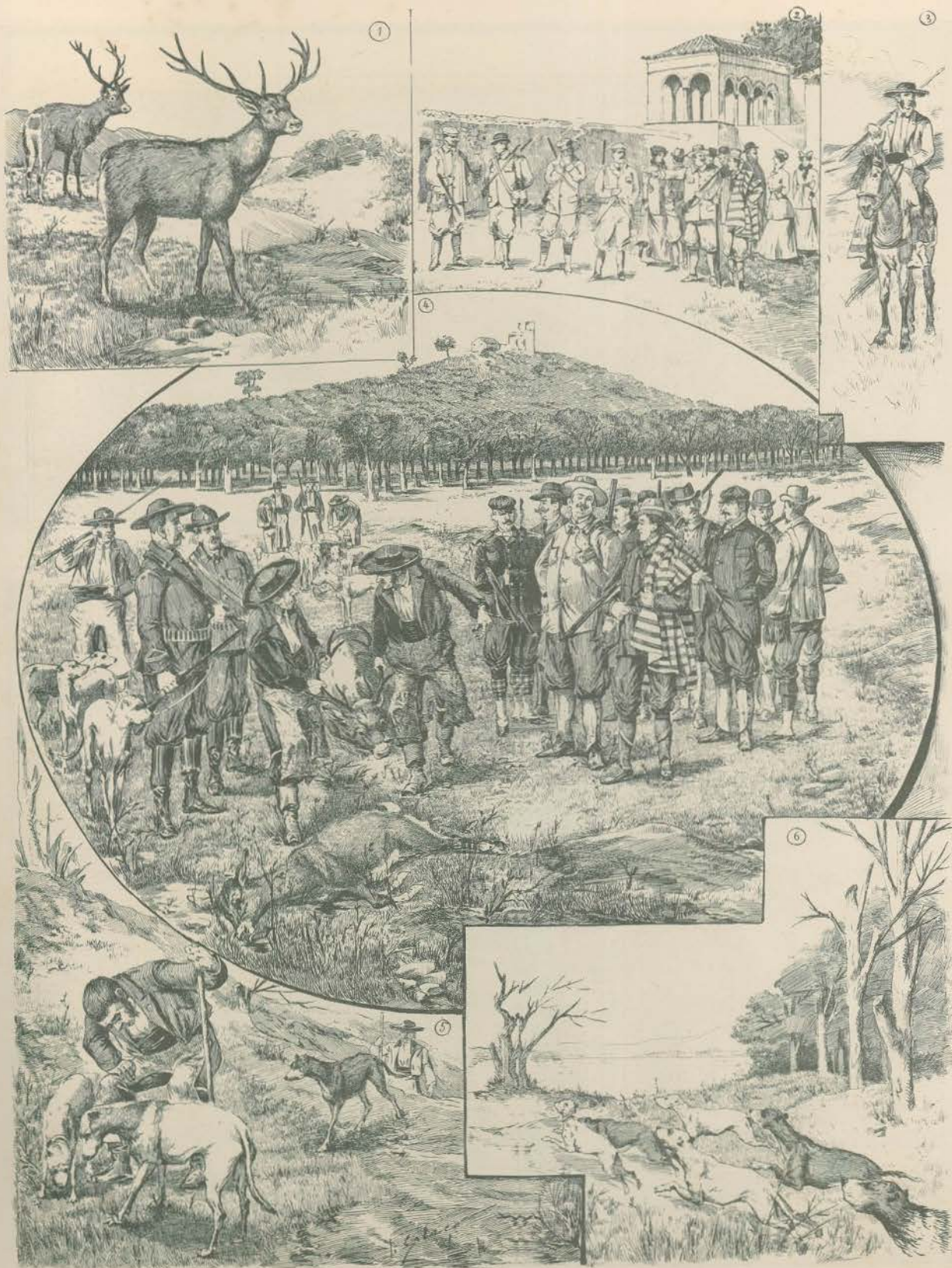
Então é tiritar, é atravessar as ruas, sentindo no alto dos andares a alegria e a ternura a crescer diante das victualhas.

O Natal vae chegar. Alguns pobres terão que comer, esses são os da via publica, os que estendem a mão; outros terão só o desespero e o abandono, são os ignorados, os em demasia altivos, os em demasia orgulhosos, são aquelles de que se faziam Christos.

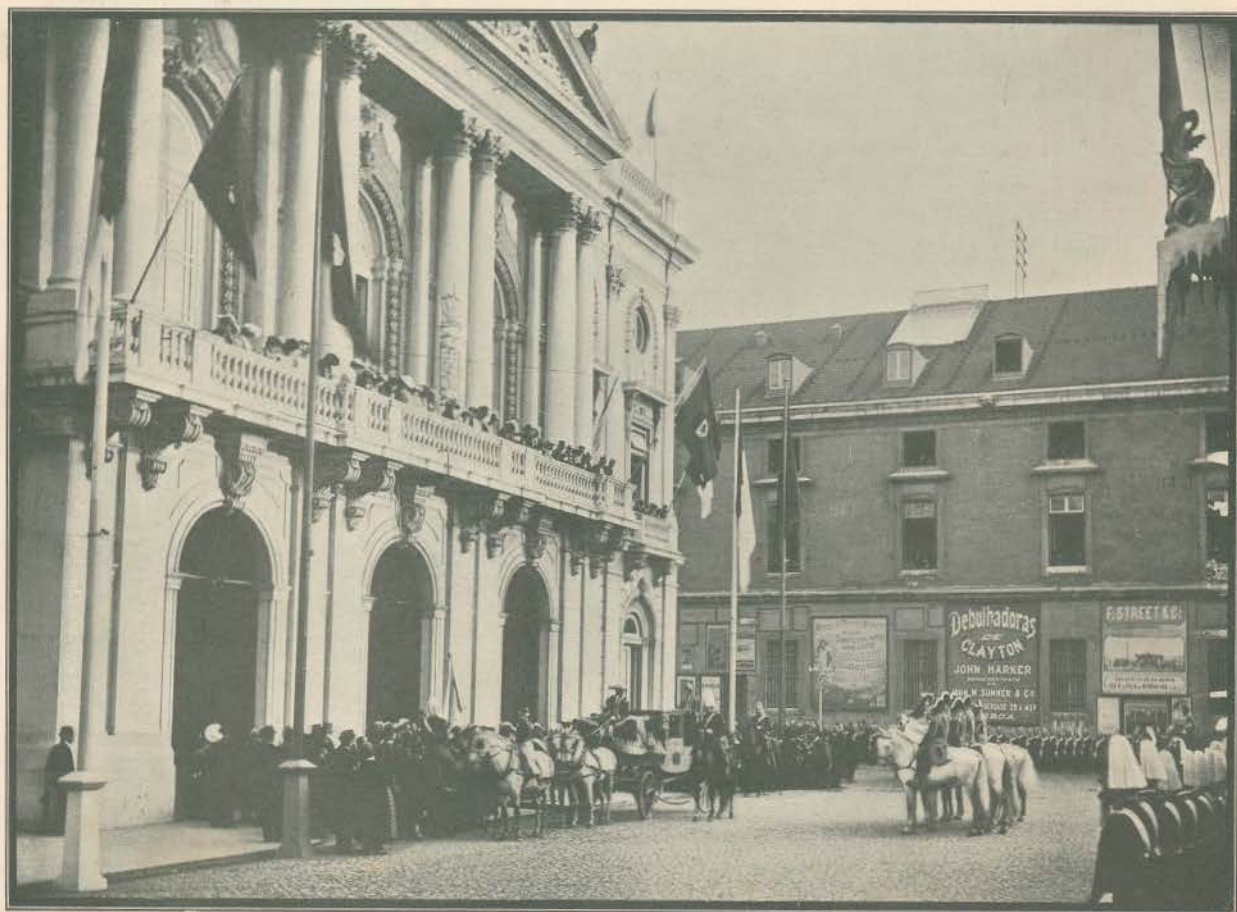
Oh! o Natal, o que elle tem em si: a par d'uma religião a revolta, a par da paz a ancia d'uma rebellião em certas almas, a par dos confortos as desgraças e uma noute chuvosa, fria, negra, em que, de copo na mão, um Herodes, d'olho pisco, clama:

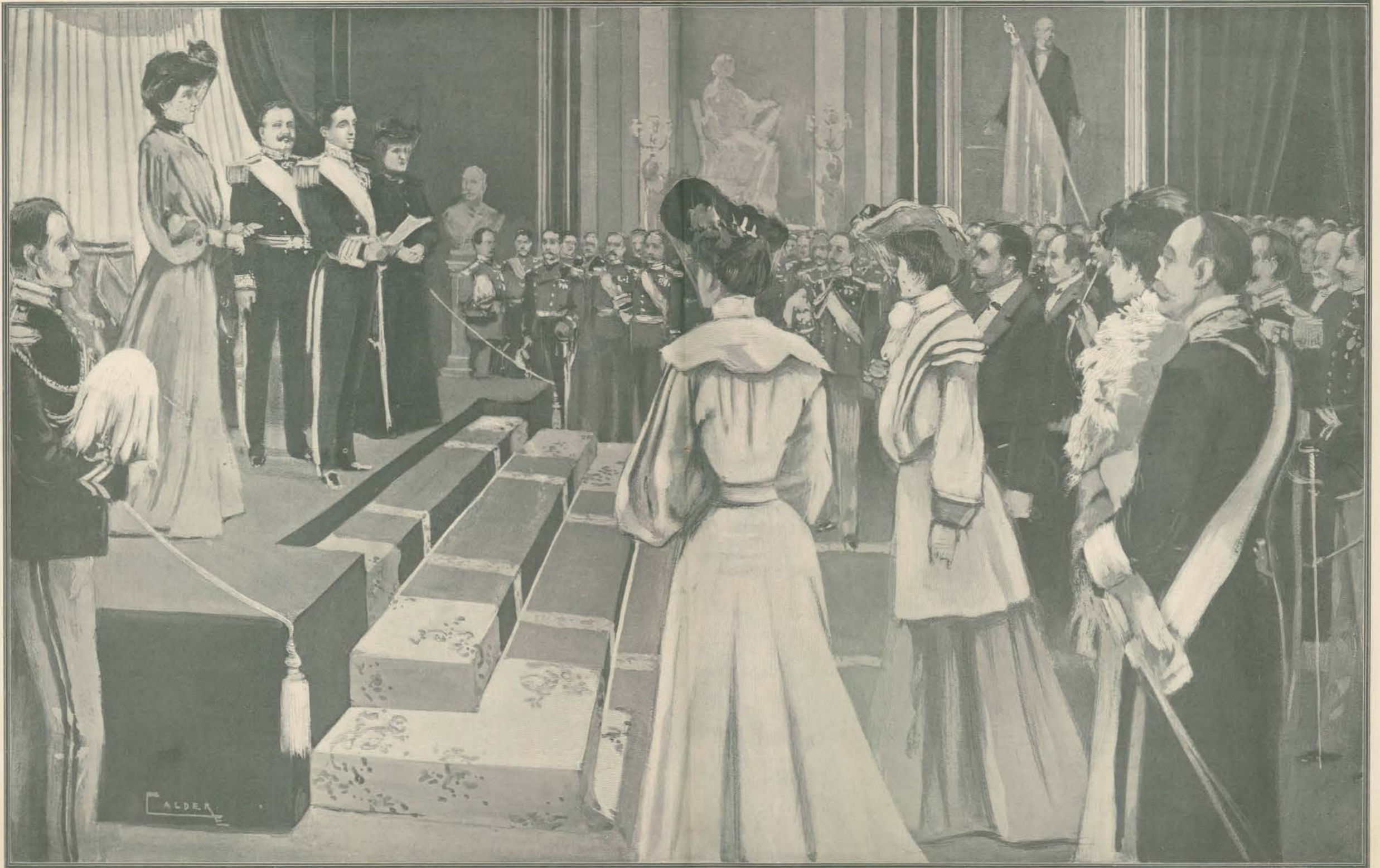
—Vá lá pela gloria do Redemptor!

ROCHA MARTINS.

A ESCADA DA CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA

A VISITA DE S. M. CATHOLICA—A CHEGADA DO CORTEJO Á CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA EM 12 DE DEZEMBRO, Á VOLTA DA VISITA A BORDO DO COURAÇADO HESPANHOL «CARLOS V»

CAMARA MUNICIPAL—A SALA ONDE A MUNICIPALIDADE DE LISBOA OFFERECEU O COPO DE AGUA A S. M. CATHOLICA

CAMARA MUNICIPAL—O GABINETE DO PRESIDENTE

COSTUMES LISBOETAS — A PEIXEIRA

A CAÇADA REAL EM VILLA VIÇOSA A 16 DE DEZEMBRO EM HOMENAGEM AO REI DE HESPANHA

1.° PRESENTINDO O PERIGO.—2.° RENDEZ-VOUS NO PAÇO VELHO.—3.° O CHEFE DE BATEDORES.—4.° SS. MM. COM O SEQUITO DEPOIS DA BATIDA.—5.° EXAMINANDO UMA PISTA.—6.° OS CÃES NO RASTO.

A GALEOTA REAL ATRACANDO AO CAES DAS COLUMNAS NA PARTIDA DE S. M. CATHOLICA EM 14 DE DEZEMBRO

A VISITA DE S. M. CATHOLICA — A MUNICIPALIDADE RECEBENDO OS MONARCHAS Á ENTRADA DO EDIFICIO

A VISITA DO REI DE HESPANHA AO MUSEU D'ARTILHARIA EM 11 DE DEZEMBRO—O SR. GENERAL CASTELLO BRANCO, DIRECTOR DO MUSEU, APRESENTANDO A S. M. CATHOLICA A VITRINE DAS BANDEIRAS TOMADAS NA BATALHA DA VICTORIA

A RECEPÇÃO DE S. M. CATHOLICA NA CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA EM 12 DE DEZEMBRO—A RESPOSTA AO DISCURSO DO PRESIDENTE DA COMMISSÃO EXECUTIVA

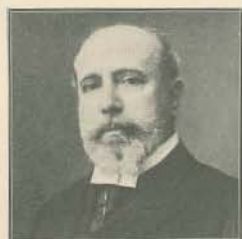
O FOGO D'ARTIFICIO NA NOUTE DE 13 DE DEZEMBRO, NA AVENIDA DA LIBERDADE, EM HOMENAGEM A SUA MAGESTADE EL-REI D. AFFONSO XIII DE HESPANHA

DON JOSÉ D'HALCOURT
O general ajudante de S. M. el-rei Affonso XIII

DON JOSÉ GRINDA
Medico da real camara de S. M. Catholica

DON JOSÉ SANCHEZ GUERRA
Ministro da governação de Hespanha

DON JOAQUIM SANCHEZ DE TOCA
Ministro da justiça de Hespanha

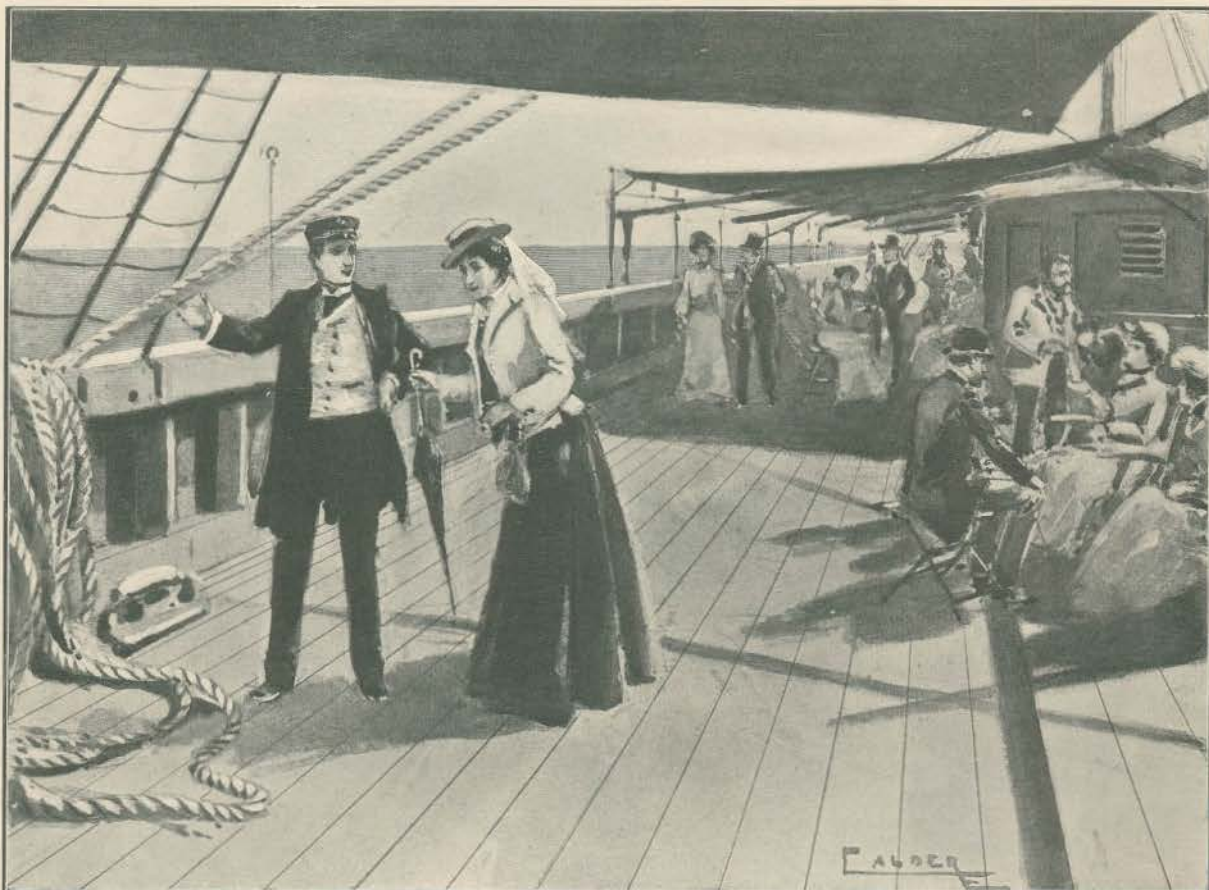
QUEIROZ VELLOSO
Um dos encarregados dos festejos em homenagem a S. M. Catholica

DON FRANCISCO DE LOS SANTOS GUZMAN
Novo ministro da marinha de Hespanha

DON BALTAZAR LORADA TORRES
Conde de S. Roman, primeiro monteiro de S. M. Catholica

DON EDUARDO VINCENTI
Presidente do Circulo Gallego

O GABINETE DE S. M. CATHOLICA NO REAL PAÇO DE BELEM

O EMBARQUE DE SS. MM. POR OCCASIÃO DA PARTIDA DO REI DE HESPANHA—A SAUDAÇÃO AO NAVIO REAL

A MISSA NO TEMPLO DOS JERONYMOS Á QUAL ASSISTIU S. M. CATHOLICA D. AFFONSO XIII — OS SOBERANOS NO ALTAR-MÓR

OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN, TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

Sebastopol é provavelmente a cidade mais desmantelada pela metralha que ha na Russia ou em qualquer outra parte. Mas devemos estar satisfeitos com ella, porque em nenhuma outra parte fomos tão bem recebidos como lá. No momento em que lançámos ferro, o governador da cidade mandou a bordo um official para nos offerecer os seus serviços, e convidar-nos a estar em Sebastopol como se fosse na nossa patria! Se porventura conheceis a Russia, concordareis em que esse foi um extranho rasgo de hospitalidade. São os russos de ordinario tão desconfiados dos extrangeiros, que os móem excessivamente com as delongas e vexames inherentes a um complicado systema de passaportes. Se a nossa procedencia fosse de qualquer outra nação, não teriamos obtido licença para entrar em Sebastopol e sahir passados tres dias—mas, como as cousas correram, o certo é que tivemos liberdade para ir e vir onde e quando fosse do nosso agrado. Toda a gente em Constantinopla nos preveniu de ter cautela com os passaportes, de ver se estavam rigorosamente *en régle*, e de nunca os perder da vista: e citaram-nos numerosos exemplos de inglezes e outras pessoas, que foram detidas dias, semanas e até mezes em Sebastopol, por causa de insignificantes faltas de formalidades nos seus passaportes, das quaes não tinham culpa. Perdera o meu passaporte, e viajava com o do meu companheiro de camarote, que tinha ficado em Constantinopla, esperando pelo nosso regresso. Quem lesse a descripção d'elle no tal passaporte, e depois encarasse em mim, veria que eu me parecia tanto com elle como com Hercules. De maneira que entrei assustado e a tremer no porto de Sebastopol—cheio da apprehensão vaga e horrivel de que seria descoberto e enforcado. Porém, durante todo esse tempo o meu verdadeiro passaporte fluctuava galhardamente proximo de nós—era só a nossa bandeira. Nunca nos pediram outro.

Vieram hoje a bordo muitas damas e cavalheiros russos e inglezes, e passou-se o tempo alegremente. Era tudo gente de feliz disposição, e nunca a nossa lingua mãe me soou tão agradavelmente como quando sahiu d'esses labios inglezes n'estas remotas paragens. Falei com os russos durante muito tempo, o sufficiente para ficarmos amigos, e elles tambem me falaram no mesmo tom; estou certo que de parte a parte foi aprazivel a conversação, embora nenhum de nós percebesse uma palavra do que o outro dizia. Por isso dirigi a maior parte das minhas falas ás pessoas inglezas, e tenho pena de não podermos levar algumas d'estas em nossa companhia.

Fomos hoje onde nos aprouve, e só encontrámos as mais delicadas attenções. Ninguem perguntou se tinhamos ou não passaportes.

Muitos funccionarios do Estado nos suggeriram a idéa de levar o navio a uma pequena estação de aguas, distante d'aqui trinta milhas, onde está veraneando o imperador da Russia, para lhe fazermos uma visita. Disseram os mesmos funccionarios que tomavam sobre si a responsabilidade de termos uma recepção cordeal. Disseram-nos mais que, se fossemos, não só mandariam um telegramma ao imperador, mas ainda um correio especial para lhe annunciar a nossa chegada. E' tão pouco o tempo de que dispomos, e especialmente o nosso carvão está tão proximo de se acabar, que julgámos mais acertado renunciar ao raro prazer de ter trato social com um imperador.

A arruinada Pompeia está em bom estado, comparada com Sebastopol. Aqui, para onde quer que lanceis os olhos, raramente encontrareis qualquer cousa que não sejam ruinas, ruinas, ruinas!—fragmentos de casas, muros cahidos, montes escalavrados e amolgados, devastação por toda a parte. Dirieis que um grande tremor de terra descarregou a sua força sobre este pequeno logar. Durante dezoito compridos mezes as tempestades da guerra cahiram sobre a malfadada cidade, e a deixaram por fim no mais triste escalavro que jámais o sol viu. Nem uma casa solitaria ficou—nem uma permaneceu sequer habitavel. Mal se poderá imaginar tão grande e completa ruina. Todas as casas eram solidamente edificadas de cantaria; a maior parte d'ellas foram varadas pelas balas de canhão—destelhadas e cortadas em fatias desde as goteiras até aos alicerces—e agora uma correnteza d'ellas, de meia milha de extensão, parece simplesmente uma interminavel procissão de chaminés deterioradas. Nenhuma se parece com uma casa. Alguns dos maiores edificios teem as esquinas derrubadas; as columnas cortadas em duas partes; as cornijas quebradas; buracos em direitura atravez das paredes. Muitos d'elles são tão redondos e tão perfeitos como se os tivessem feito por arte magica. Outros não passaram do meio, e o signal lá está na pedra, tão macio e bem formado como se fosse aberto em betume. Aqui e ali, ainda uma bala se vê cravada n'uma parede, e d'ella manam lagrimas de ferro, que destingem a côr da pedra.

Os campos de batalha ficam todos ali proximo. A torre de Malakoff está mesmo ás abas da cidade. O Redan ficava ao alcance de um tiro de espingarda da torre de Malakoff; Inkerman a uma milha de distancia e Balaklava apenas afastada uma hora de caminho a cavallo. As trincheiras dos francezes, por meio das quaes se approximaram da torre e a investiram, tanto se approximaram por baixo dos seus lados obliquos que qualquer dos sitiantes podia estar junto das peças russas e atirar uma pedra para dentro d'ellas. Repetidas vezes, durante tres dias terriveis, elles subiram em turbilhão a pequena elevação de Malakoff, e foram rechaçados com horrivel mortandade. Finalmente, tomaram a torre e repelliram os russos, que tentaram então retirar-se para a cidade, mas os inglezes haviam tomado o Redan, e expulsaram-nos formando uma muralha de fogo; já não havia para elles outro recurso senão recuar e retomar Malakoff, ou morrer debaixo das suas peças. Recuaram, com effeito; tomaram Malakoff e retomaram-na duas ou tres vezes, mas o seu valor desesperado não poude prevalecer, e tiveram de ceder por fim.

N'esses temerosos campos, onde se desencadearam taes tempestades de morte, reina agora muita paz; não se

ouve som nenhum, mal se move perto d'elles algum ser vivo, estão solitarios e silenciosos — a sua assolação é completa.

Não havia mais que fazer, e por isso todos partiram á caça de reliquias com as quaes abarrotaram o navio. Trouxeram-nas da torre de Malakoff, do Redan, de Inkerman, de Balaklava — de toda a parte. Trouxeram balas de canhão, fragmentos de bombas — ferro sufficiente para carregar uma chalupa. Alguns até acarretaram ossos, e com muito trabalho o fizeram de grandes distancias, passando pelo desgosto de ouvirem o cirurgião dizer que eram de mulas e de bois. Eu sabia que Blucher não perderia uma occasião como esta. Trouxe um sacco cheio para bordo e dispunha-se a ir buscar outro. Pedi-lhe que não fosse. Já converteu a sua sala n'um museu de indignas bugigangas, que recolheu nas suas viagens. Agora anda pondo rotulos nos seus tropheus. Ha tempos peguei n'um, que tinha este distico: «Fragmento de um general russo.» Levei-o fóra para o observar a uma luz melhor — eram dois dentes e parte da maxilla de um cavallo. E disse-lhe com certa aspereza:

— Fragmento de um general russo! Isto é um absurdo. Nunca sabereis mais?

Respondeu apenas:

— De vagar — a velha não quer ouvir outra cousa. (A sua tia).

Este sujeito colhe lembranças com perfeita indifferença hoje; mistura-as todas, e depois serenamente lhe vae pondo letreiros sem nenhum respeito á verdade, propriedade e até plausibilidade. Fui dar com elle a partir uma pedra em duas partes e a escrever n'uma d'ellas: «Pedaço da tribuna de Demosthenes» e na outra: «Do tumulo de Abélard e de Heloisa.» Vi-o a juntar uma mão-cheia de seixos pela beira da estrada, e trazel-os para bordo e a pôr-lhe rotulos, como se fossem oriundos de vinte logares celebres, distantes uns dos outros cincoenta milhas. Pronuncio-me, é claro, contra estes ultrages á razão e á verdade, mas d'ahi não se tira resultado nenhum. Ouço sempre a mesma resposta, serena e sem réplica:

— Não importa — a velha não quer ouvir outra cousa. Desde que nós tres ou quatro démos sem novidade aquelle salto a Athenas, tem mostrado sempre verdadeira satisfação em offerecer a toda a gente a bordo uma pedra do monte de Marte, onde S. Paulo prégou. Colheu todas essas pedras na praia, á vista do navio, mas sustenta que foi um de nós quem lh'as deu. Todavia, de nada me serve desmascarar esse embuste — causa-lhe prazer, e com isso não faz mal a ninguem. Diz elle que nunca espera acabar de ter recordações de S. Paulo emquanto estiver proximo de um banco de areia. Pois bem, não é peor do que outros. Sei que todos os viajantes supprem do mesmo modo as faltas das suas collecções. E eu, emquanto viver, nunca terei a menor confiança n'estas cousas.

V

Nove mil milhas ao Oriente. — Imitação da cidade americana na Russia. — Gratidão demasiado tardia. — Visita ao autocrata de todas as Russias.

Temos avançado tanto para o Oriente — cento e cincoenta e cinco graus de longitude de S. Francisco — que o meu relogio já se não entende com o tempo. Desanimou e parou. Acho que teve muito juizo. A differença do tempo entre Sebastopol e a costa do Pacifico é enorme. Quando são aqui seis horas da manhã — são ainda sete horas e quarenta minutos da noite na California. Temos desculpa de estar algum tanto perturbados relativamente ao tempo. Estas confusões e contrariedades ácerca do tempo teem-me atormentado a ponto de recear que o meu espirito fique abalado de maneira que eu nunca mais possa fazer qualquer apreciação do tempo; mas, logo que notei a facilidade com que comprehendia quando eram horas do jantar, senti em mim uma abençoada tranquillidade e nunca mais me affligiram duvidas nem temores.

Odessa fica a distancia de vinte horas de Sebastopol, e é o porto mais septentrional do Mar Negro. Aportámos aqui, principalmente, para tomar carvão. A cidade tem cento e trinta mil almas e vae progredindo mais depressa do que qualquer outra pequena cidade da America. E' porto franco, e o maior mercado de cereaes que ha em todo o mundo. O seu ancoradouro está cheio de navios. Actualmente andam engenheiros a tratar de converter o ancoradouro aberto n'um amplo porto artificial. E' destinado a ser fechado por columnas de pedra massiça, uma das quaes entrará pelo mar dentro mais de tres mil pés em linha recta.

Nunca me senti tanto como se me achasse na minha terra como quando estive em Odessa pela primeira vez. Tinha exactamente o mesmo aspecto de uma cidade americana; bonita, ruas largas e direitas; casas baixas (dois ou tres andares) amplas, limpas e isentas de qualquer embellezamento de ornamentação architectural; acacias nos passeios lateraes; apparencia de bulicio, de movimento pelas ruas e armazens; transeuntes apressados; uma vista familiar nova das casas e de tudo; sim, uma impetuosa e asphyxiante nuvem de pó tão parecida com uma cousa vinda da nossa querida patria, que mui difficilmente pudemos conter as lagrimas e as imprecações á antiga moda americana. Olhar para a rua acima ou para a rua abaixo, para este ou para aquelle caminho, o mesmo era que vêr a America! Nem uma só cousa nos fazia lembrar de que estavamos na Russia. Andámos uma pequena distancia, regalando-nos com esta visão da patria, e depois fomos dar com uma egreja e um cocheiro de sege de aluguel, e presto! a illusão desvaneceu-se! A egreja tinha um zimborio esguio, que se arredondava para dentro na base, e dava ares de um nabo voltado de cima para baixo, e o cocheiro parecia estar envolvido n'um comprido saiote. Estas coisas eram essencialmente extrangeiras, e o mesmo direi das carruagens, mas todos teem noticia d'isso, e não ha motivo para eu as descrever.

Estava resolvido passarmos aqui só um dia e uma noite e metter carvão; consultámos os guias dos viajantes, e com grande alegria soubemos que não havia que vêr em Odessa; de maneira que tinhamos um dia de descanço, um dia livre, á nossa disposição, sem outra cousa que fazer senão vaguear pela cidade e divertirnos. Andámos pelos mercados e apreciámos os temerosos e admiraveis trajos de provincia; examinámos a populaça quanto o permittiam os nossos olhos; e terminámos a diversão com um deboche de sorvetes. Não se apanham sorvetes em toda a parte, e por isso, quando tal succede, ha em nós a tendencia de dissipar até o excesso. Na America nunca nos importavam os sorvetes para cousa nenhuma, mas agora, que elles são tão raros n'estes climas esbrazeados do Oriente, vemo-los com idolatria.

Encontrámos apenas duas obras de estatuaria, e isso foi outra felicidade. Uma das estatuas é a figura em bronze do general Richelieu, segundo sobrinho do afamado cardeal. Está situada n'um espaçoso e bonito passeio, dominando o mar, e da sua base uma grande correnteza de degraus de pedra conduz ao porto — duzentos d'elles teem cincoenta pés de comprido, e um largo patamar no fim de cada vinte. E' uma escadaria nobre, e a gente que vae a subir por ella, vista de longe, parece insectos. Faço aqui menção d'esta estatua e d'esta escadaria por terem a sua historia. Richelieu fundou Odessa — olhou por ella com cuidado paternal — trabalhou pelos seus maiores interesses com cerebro fertil e esclarecido entendimento — dispendeu a mãos largas a sua fortuna para o mesmo fim — dotou-a com segura prosperidade, tal que ha de fazer d'ella ainda uma das grandes cidades do velho mundo — construiu essa nobre escadaria com dinheiro do seu bolso e... — Pois bem, o povo, por quem elle tanto fez, deixou-o um dia descer esses mesmos degraus, velho, pobre, sem um casaco para vestir por cima; e quando, volvidos annos, elle morreu em Sebastopol, na pobreza e ao desamparo, convocaram um *meeting*, subscreveram liberalmente, e logo ergueram este formoso monumento á sua memoria, e deram o nome d'elle a uma grande rua. Traz-me isto á lembrança o que disse a mãe de Roberto Burns, quando lhe erigiram um monumento magestoso: «Ah! meu Roberto, pediste-lhes pão e elles deram-te uma pedra.»

O povo de Odessa recommendou-nos vivamente, como já tinha feito o de Sebastopol, que visitassemos o imperador. Telegraphou a sua magestade, que exprimiu a sua boa vontade de nos dar audiencia. De maneira que estamos a levantar ferro e preparando-nos para ir á sua estação de aguas. Que atrapalhação não vae ahi haver agora! que reuniões importantes e nomeação de solemnes commissões! — e que limpeza e arranjo de casacas, e barulhada de gravatas de seda branca! Como temos de passar por esta prova até em gravuras, na minha phantasia, em toda a sua tremenda sublimidade, começo a sentir arrefecer e passar o meu ardente desejo de conversar com um verdadeiro imperador. Como é que hei de ter as mãos? Onde é que hei de collocar os pés? Que diabo hei de eu fazer á minha pessoa?

FOLHETIM N.º 6

(Continúa)

A SAUDAÇÃO Á BANDEIRA

A ENTRADA DA GUARDA DE HONRA AO ALTAR

A PASSAGEM DO REGIMENTO DE CAVALLARIA

A PASSAGEM DOS LANCEIROS

Á MISSA NOS JERONYMOS EM 13 DE DEZEMBRO, NA VISITA DO REI HESPANHA

CHRONICA ELEGANTE

Os jantares elegantes são actualmente mais uma das muitas exhibições de custosas phantasias, mas deliciosamente attrahentes.

Sem falar dos primores culinarios, que, como tudo mais, estão em constante progresso, as salas de banquete apresentam um aspecto de multiplas seducções; não entremos na descripção da sala, propriamente dita, mas lancemos olhos observadores sobre a meza.

As roupas alvas e finissimas, de setinea apparencia, quasi desapparecem sob a avalanche de flores, luzes, rendas, pratas, louças e crystaes. O tradicional centro de meza, muito alto, methodica e symetricamente ornado de flôres, desappareceu; as guarnições são todas baixas; além dos *caminhos* de flôres, que não são já a ultima palavra da elegancia, espalham-se sobre a meza dezenas de jarrinhas de todas as qualidades e feitios, que se dispõem ao acaso, contendo poucas florinhas leves, e tambem se deitam sobre a toalha flôres soltas. Ao centro colloca-se uma decoração mais volumosa, muito reunida e dividida, e n'alguns jantares adopta-se a decoração *uniflore*, toda de myosotis, rosas, etc., preferindo sempre as flôres pouco aromaticas; n'estes casos as *toilettes* estão em harmonia com a *nuance* geral, o que produz um effeito suggestivo e encantador.

FIGURA 1

Havendo illuminação electrica surgem as lampadas e tulipas d'entre as flôres, illuminando suavemente a meza e favorecendo, como *luz de rampa*, os rostos gentis das convivas. Isto não obsta, quando se queira, á luz da suspensão ou lustre, mas esta por si só, vindo de cima, dá ás physionomias um aspecto sombrio e carregado. Fazem-se estatuas e motivos decorativos em materias diversas, servindo de recipientes ás fructas, doces, misturados sempre com flôres. Nos *dessous* de pratos, garrafas, copos e *chemins de table* empregam-se tecidos valliosos, bordados ou pintados, e rendas de Cluny, guipure, Argentan, chegando as mezas de millionarios americanos a ostentar os mais preciosos Points d'Angleterre, de Veneza, de Alençon e Bruxellas.

Os *menus* são mimosas obras d'arte, pintados, aguarellados e decorados ás vezes por artistas de nome; uma phantasia graciosa é fazer o *menu* muito simples e pendurar a um dos cantos, com uma fitinha, um minusculo objecto de cozinha feito em prata: grelha, pá, cafeteira, caçarola, fogareiro, etc.

FIGURA 2

As *toilettes* são sempre primorosas; traje de sarau, decotado, com joias, rendas, plumas e flôres, ou então vestido afogado, sómente aberto adeante, mas sempre no genero de recepção muito *habillé*.

N'algumas casas é uso dar ás senhoras cadeiras estofadas de velludo, cujo contacto não pode de modo algum damnificar os tecidos luxuosos dos vestidos.

FIG. 1. — Toilette de jantar em setim branco, *incrusté de guipure* formando riscas verticaes e ornado dos mesmos elementos dispostos horisontalmente, tendo ao centro *bouclettes* de fita de setim branco.

FIG. 2. — Toilette de jantar e *soirée* em *tulle* côr de rosa com ramos de *myosotis* bordados em seda azul; *ruches* de *gaze* azul pallida, cinto *bretelles* em velludo azul.

FIGURA 3

FIG. 3. — *Tea-gown* em *crêpe de Chine ivoire incrusté* de rendas Chantilly preto e branco; collar e *agrafe* de perolas grandes pontas cahindo adeante em *chiffon ivoire*.